A NOVELA VERMELHA

N.º 4

DOIS TIROS

POR

Sobral de Campos

LISBOA, AGOSTO DE 1921

Secção Editorial de A BATALHA

Slhi

DOIS TIROS

POR

Sobral de Campos

A Novela Vermelha n.º 4

SIhi

Dois tiros

I

Por entre as núvens espessas daquele dia sufocante de Maio, o sol surgira, ainda alto, como um cáustico de fogo sôbre os campos torturados pela demorada séca, arrancando reverberos alucinantes às caliças alvas do casarío da acidentada vila...

Havia bastante tempo já que da escola tinham saído, um pouco azougadas, como que opressas pelo dia pesado, as crianças dos dois sexos—aquelas mesmas crianças que, algazarrantes e alegres, costumavam tresmalhar-se pelas ruas numa vivacidade impressionante ou se concentravam no terreiro, sob as amoreiras amoráveis, aí improvisando jogos e descantes, e que, desta vez, quási silenciosas, se haviam dirigido, logo, em pequenos grupos, para suas casas.

As ruas estavam, então, quàsi desertas, raros se aventurando a por elas passar, de tal forma o sol queimava e a atmosféra oprimia.

A natureza estava parada na angústia cruciante daquela estiagem prematura e já longa. A custo se faziam os trabalhos agrícolas. Sufocava-se. Nem uma brisa. No silêncio soturno era raro ouvir-se uma canção. E, se alguma voz de mulher arriscava os primeiros compassos de qualquer *moda* popular, logo se quebrava o encanto e a toada enfraquecia, apagava-se, morria, asfixiada no abrasamento de tudo — como se até o cantar fosse penoso e enervante em vez de uma inocente expansão de alegria, de um alívio para intimas dores ou de um precioso auxiliar para tornar mais facil o rude esforço da lavoura ou a canceira preocupada do trabalho doméstico...

As crianças haviam saído da escola, quási silenciosas, já há bastante tempo. A professora, como de costume, como quási sempre, fôra à janela vê-las saír, dizer um adeus a qualquer mais da sua simpatia, da sua predileção, recomendar a outra, qualquer coisa que esquecera ou em quem entendia dever insistir sôbre a lição do dia imediato, repreender os pequenos, se entre alguns ameaçava desencadear-se uma briga. Depois, ao ver desaparecer o último grupo, recolhia a casa que ficava no andar superior.

No entanto, naquele dia, contrariamente ao costume, e ao contrário de toda a gente, como que indiferente às inclemências do sol, como que alheada de tudo, já tôdas as crianças da sua querida escola haviam há muito desaparecido ao cimo da rua, ali se ficára, à janela, o olhar perdido nos campos, que por ali fora se estendiam naquele doloroso expreguiçamento duma sensualidade excessiva... E dir-se-ía que os não via também, àqueles campos que na frente da escola se desenrolavam até, lá longe, à linha extrema daquele vasto horisonte, limitado pela mancha azulada e negra das montanhas, onde agora pareciam poisar, num prenúncio acentuado de catástrofe, os negrumes compactos de grossas núvens... Dir-se-ía isso. Dir-se-ía que o seu olhar, ao passar pelos talhões arrumados das hortas, pelos pomares copados e salpicados das manchas doiradas e loiras das laranjas e nesperas sumarentas, pelos planos semeados do milho se-

quioso, pelos renques correctos das cinzentas oliveiras, pelas elevações de terreno cobertas de pinheiros, pelos vales aconchegados e discretos, pelo veio ténue do rio e pelo areal do seu leito, pelos planos seguintes de tôda essa paisagem variada e scenográfica, pela espinha dorsal daquelas montanhas, ao fim, pelos logarejos, pelos casais, ao passar por tôdas essas atitudes e cambiantes, não colhia a menor imagem, a mais leve impressão como se as retinas de seus olhos fossem chapas fotográficas veladas, como se uma névoa impenetravel lhes vedasse o receber as impressões de fora e o seu espírito estivesse todo absorvido por uma vida toda interior...

II

Maria Angélica nascera num lar modesto e equilibrado de pequenos proprietários de aldeia. O pai amanhara sempre as suas terras com a ajuda dos dois filhos mais velhos e duns vizinhos que lá trazia de jorna, que eram, a bem dizer, tratados como família. A mãe fôra sempre a mulher de casa, arranjada e económica, dedicada ao marido e aos filhos, metida consigo e com os seus, refratária aos mexericos da aldeia, raro aparecendo nas folganças e nas romarias, levando uma existência de moira recatada e de trabalho, não obstante ter sido das mais formosas raparigas do sitio e de ser dada, em moça, a despreocupadas alegrias e a fantasias duma vida bem diversa daquela que ao depois viera a ter. Todavia, como casara por uma funda simpatia, por uma sólida amísade — espécie de amor tranquilo e simples — e como no seu ser moral predominavam as tendências paternas de um senso prático notável e de uma adaptação natural ao esfôrço e à ordem, facil lhe foi, quási desde os primeiros tempos de casada, habituar-se àquela

vida trabalhosa e igual, morrendo por si, sem quási disso se aperceber, aquelas fantasias da infância e da mocidade, afinal superficiais.

Maria Angélica era a filha mais nova e a única filha. Nascera, quando já não se esperava, com uma diferença de dez e doze anos dos irmãos, e fôra criada com raros desvelos e carinhos — com os carinhos e desvelos daqueles pais bondosos, aumentados, porém, por ambos, porque tanto um como outro haviam tido o desejo, logo depois do primeiro filho, de que, se mais algum nascesse fosse uma pequena. Doze anos desse desejo sempre latente no espírito dos páis haviam trazido à superfície, ao verem-no satisfeito quando já as esperanças iam a extinguir-se, uma nova mocidade, um remoçamento vigoroso de toda a gama afectiva daqueles dois corações que, concordes, batiam na comum aspiração e na paz inalterável do modesto lar.

Assim, nesse ambiente amorável, sério e de trabalho, Maria Angélica crescera. Aos doze anos era já uma interessante rapariguita, airosa de corpo, fisionomia insinuante, misto de traços paternos e maternos num conjunto admirável. Ajudava a mãe no trabalho e arranjo da casa; e ás preocupações dos pais e de um dos irmãos — ainda solteiro — para com ela, a pequena correspondia expontânea e generosamente com uma solicitude, uma bondade e um acerto que faziam a felicidade e o encanto de todos. Havia nela, porém, mais acentuado que na mãe, aquele pendor para fantasias e sonhos' tendo — logo que retirada das preocupações da casa e dos seus — um feitio contemplativo e uma emotividade sempre pronta. Impressionavam-na os poentes; ficava-se, longo tempo esquecida, á porta de casa, sentada nos degraus, a ver as formas caprichosas das núvens; interrogava, scismando, as estrelas nas noites calmas de primavera; tinha extremos por criancitas da vizinhança; e, quando a alguma se dedicava mais, trazia-a ao cólo, brincava, fazia-lhe todas as vontades, sugeitava-se a todos os caprichos e, olhando-a muito, olhos nos olhos, num grande encantamento, perguntava-lhe repetidas ve-

zes, se dela gostava, se lhe queria muito, se não queria a mais ninguém — e cobria-a de beijos e ternuras.

Inteligente, aprendera a ler, quási sem esfôrço, naturalmente, com o padre prior, quando êste lá se demorava, de visita, em casa de seus páis.

— Esta pequena é inteligente — comentou o padre um dia — muito inteligente ; e, assim, com estas qualidades, bondosa como é, amiga de crianças, daria, certamente, uma explêndida professora. Ela mesma já me disse mais de uma vez, que gostaria de estudar para saber muita coisa e para, poder, depois, ensinar aos pequenitos.

Foi o que a mãe de Maria Angélica quiz ouvir. Estudar, saber, poder ler o que os belos livros diziam, adquirir melhores maneiras, vêr outras terras, descobrir os mistérios de tantas coisas dêste mundo, saber conversar e entreter os outros, compreender bem o que dizem as pessoas de educação e de inteligência cultivada, casar com um homem que tivesse uma profissão intelectual e a retirasse daquele meio acanhado da aldeia! — tudo isso tinha sido a sua aspiração de rapariga, aspiração já morta há muito, naturalmente morta, sepultada e desfeita pela vida que tivera. Mas, se era certo que assim tinha sido feliz no seu tranqüilo lar, ignorante como era, e afadigada como sempre vivera, ali reclusa, na sua casa ¿ porque não havia de vêr realizada na filha a sua ambição de môça — sendo para mais certo que a sua Maria Angélica era bem mais inteligente do que ela, e, pelo menos, com tanto juizo como o que ela manifestára em tôda a sua vida? ¿ Para quê destruir as ambições da querida filha? Tinham meios económicos suficientes para assim a educar. Restava apenas o sacrifício da forçada separação nos periodos escolares — duro sacrifício, é certo — mas esse deviam fazê-lo, ela e o marido, bem voluntàriamente, para felicidade da pequena e honra da família.

E, vencidas as débeis resistências do pai, Maria Angélica saíra da aldeia e seguira os estudos com verdadeira aplicação e com seguros triunfos.

Slhi

III

Acabado o curso, pouco tempo depois fôra nomeada professora. Tinha sido uma luta para conseguir a escola daquela vila, onde a vaga se abrira, e que era a terra mais próxima da sua aldeia — ainda assim a uma distância de cinco léguas bem puxadas e por maus caminhos. Havia mais pretendentes e os empenhos políticos de algumas ameaçaram prejudicá la. Uma mudança de ministério favorável permitira, porém, resolver rápidamente o caso, dando preferência a Maria Angélica, que, de resto, era, entre as pretendentes, a mais classificada.

Ali estava já há dois anos. No exercício da sua nobre profissão — essa profissão tam mal remunerada e tam desprezada e falsificada pelos governos — puzéra ela todo o escrúpulo honesto da sua inteligência aberta e estudiosa e prodigalisava a todos os pequenos um seguro afecto. A escola não era para ela apenas um ganha-pão; era também, e principalmente, um sacrário de afeições, um jardim onde cultivava as almitas dos alunos numa atmosfera de doce intimidade e de suáve respeito, procurando uni-los a todos num abraço, interessando-se pelo desabrochar daquelas cabecinhas, deixando-os manifestar expontâneamente as suas aspirações e as suas tendências, corrigindo, na medida do possivel, os defeitos que alguns traziam das famílias e evitando, o melhor que podia, os vícios de educação que para muitos resultariam do ministramento exacto de certos aspectos dos programas oficiais.

Nesses dois anos de exercício do professorado conseguira ganhar a estima entusiástica das crianças e a consideração da gente da terra.

Slhi

Maria Angélica, que era agora uma formosa mulher, vivia apenas acompanhada por uma garotita de doze anos que a ajudava nos trabalhos de casa e lhe fazia os recados. Várias vezes ia passar noites fóra, a casas de pessoas das relações, muitas delas famílias de alunos da sua escola. No entanto, a maior parte das noites passava-as sósinha, acompanhada apenas pela pequenita e pelos seus livros. Lia muito. Lia e estudava. Livros escolares, livros de pedagogia e de sciências, e livros de literatura — versos e romances — que muito a prendiam. Contos de Gorki, romances de Tolstoi, «O Trabalho» e «A Verdade», de Zola, abriram ao seu espìrito novos horisontes, fixaram-lhe ideas, sentimentos e aspirações que, indefinidos e incertos, viviam no sub-solo da sua consciência à procura de equilíbrio e de fórmula. Amava os pobresinhos, cuja tragédia sombria infinitamente a preocupava e a fazia sofrer até à angústia, com um mixto de dó e de revolta contra tamanhas dores e tamanhas injustiças.

Havia no fundo dela um como que misticismo que por todos esses aspectos da vida a faziam apaixonar — sem que, no entanto, deixasse de se sentir bem mulher na sua carne palpitante e sadía e de ter a intensa aspiração de realizar o seu sonho de amor formando um lar, um lar sereno e translúcido, lá bem alto, no azul, no cume das montanhas onde as águias fazem seu ninho e batem as azas livremente, num vôo nobre...

E esse amor surgira. Agora, tôda a sua vida se bipartira nestas duas grandes preocupações absorventes, nêstes dois amores aos quais se dava inteiramente: a escola e o homem que a prendera.

Slhi

IV

.... Pois naquela tarde sufocante de Maio, quando já tôdas as crianças haviam desaparecido, quási silênciosas, ao cimo da rua, Maria Angélica ali se deixára ficar, à janela da escola, o olhar perdido nos campos que por ali fora se estendiam como num espreguiçamento doloroso de sensualidade excessiva... Dir-se-ia, efectivamente, que se encontrava alheada de tudo e que o seu olhar, ao passar assim por todos aqueles plainos, elevações, recantos, logarejos, montanhas, na saturação daquela luz ardente, não recolhia a mais ténue impressão — como se densa névoa velasse as retinas de seus olhos e o seu espírito estivesse tôdo absorvido por uma vida tôda interior...

E realmente assim era.

Maria Angélica sofria. Passava-se nela qualquer coisa de muito grave. Quem bem a conhecesse e nela atentasse naquele momento, estranharia imediátamente a expressão dos seus olhos. Naqueles seus olhos negros, grandes, de longas pestanas, não se via, então, a serenidade impressionante da sua clara inteligência, nem a meiguice da sua bondade natural nem tam pouco a chama ardente da voluptuosidade ou o místico sonho da contemplativa e da idealista. Entre estas duas últimas expressões, e como que produto delas, uma outra nascera e se acentuára – cólera que súbito se desencadeára, desejo de vindita justiceira, que breve criára raízes na sua alma reclamando a execução rápida e decisiva de um plano que principiava a delinear-se nitidamente no mais intimo do seu coração de mulher. A bôca carnuda e sensual tinha naquela hora uma linha diversa da normal, que não

era a do amor que canta e sorri e implora e deseja, que não era a da tristeza serena, que não era a do sofrimento que esmaga e aniquila, nem tam pouco a do encantamento, a do extásis, a do carinho, a da piedade, a da ironia, a do perdão. Aquela bôca, assim pensativa e contraída, era ainda também, como a expressão do olhar, a tradução evidente dum estado de espírito todo dominado por uma cólera vingativa e sangrenta que triunfára dum anterior estado de pasmo e de tortura.

¿ Que se passaria naquela alma? Que iria suceder? ¿Certamente qualquer coisa muito grave!

Indiferentes ao que se passava no coração de Maria Angélica os campos ali estavam em frente da escola branca só preocupados com a dôr própria... A mesma atmosfera pesada, soturna, asfixiante, continuava pairando sôbre a vila e sôbre a naturesa. O sol escondera-se tragado pelos negrumes das nuvens bojudas que se juntavam em compactas massas. Os prenúncios de tempestade acentuavam-se...

E, quando, já tarde, Maria Angélica se retirou da janela onde tanto tempo se deixára ficar alheada de tudo, a decisão estava tomada. Não restava dúvida.

V

Noite alta. Pelas ruas quási sem luz era raro passar alguém. A vila dormia... Um grande silêncio poisava sôbre as coisas... No céu pesado, sem estrelas, surgiam com freqüência clarões alucinantes de relampagos vivissimos...

Lá baixo, junto à escola, um vulto agora espreita qualquer coisa. Depois, decididamente, sobe a rua, rente às casas, com segurança. Não fazem ruido seus passos. Dir-se-ia não pôr os pés no chão... Um relâmpago

ilumina-o, instantâneamente, ao voltar uma esquina. E' uma mulher do povo, os pés descalços, sáia rodada em pregas, o lenço na cabeça... Próximo à esquina que dobrava, pára e senta-se no degrau de um portal cheio de sombra.

Passa-se um quarto de hora. Pouco depois, mais acima, uma porta bate. Abre-se uma janela. Entre as rendas duns cortinados, uma cabeça de mulher assoma. Ouvem-se rápidas frases, adeuses, despedidas... A janela cerra-se de novo. Um vulto de homem segue rua acima, fumando. Nesse mesmo instante, a mulher que se sentára no degrau do portal, ergue-se. Sempre sem fazer ruido, sempre cosida às paredes... caminha em direcção ao homem... E, quando, sem que ele a pressentisse, se encontra muito próxima, chama-o numa voz abafada, nervosamente:

— Pedro!

O homem volta-se para ela e estaca, reconhecendo-lhe a voz.

— Tu aqui, a estas horas?! Queres um escândalo? Que vens fazer?

— Venho simplesmente dizer-te que és um canalha. ?Se não me querias para tua mulher, para quê tôdas as tuas promessas? ¿Se eu era uma vergonha para ti na tua posição, porque motivo me enganaste assim? ¿E porque manchaste a minha alma fazendo-me acreditar que pensavas e sentias como eu?!

— Cala-te ou fala mais baixo.

— Covarde! Tens mêdo? Pois eu não tenho. Sim, explica, dize lá porque procedeste assim, se eu merecia isto, eu que me dei a ti, tôda inteira, sem reservas, na pureza do meu sonho. Afinal não me querias para tua mulher e só pensavas nessa que é da tua roda e que tem fortuna para juntar à tua. E abandonas-me assim, *neste estado* que daqui a pouco não poderia ocultar de ninguém e me cobriria de vergonha e de despreso, fazendo-me perder tudo — a escola, a familia, a consideração, a estima! Miserável!

— Cala-te! Tudo há de arranjar-se.

Slhi

Maria Angélica sofre, sofre muito. Faz uma pequena pausa cobrando energias para o supremo minuto da sua decisão e replica a seguir, friamente.

— Tudo se arranjará! Enganas-te. Vais morrer ás minhas mãos, aqui.

— Estás doida!

Ao dizer isto o homem recua e puxa por uma pistola como para a meter em respeito.

— Não me atemorisas. Também tenho.

E, instantâneamente, dispara contra ele o revolver de que vinha munida, ferindo-o, a seguir ao que se ouve outro tiro que a prosta brutalmente no solo.

.....

Dois dias depois os diários de Lisboa, como é tam freqüente nesta quadra calmosa, traziam nas suas colunas, perdido entre o noticiário, um telegrama, como tantos outros, concebido nestes termos:

Crime Passional

«*X. 23 de Maio.* — A noite passada, quando o dr. Pedro de Almeida, distincto advogado, candidato pelo círculo às novas eleições e filho do estimado proprietário sr. Jerónimo de Almeida, recolhia a casa de seu pai, saíu-lhe ao encontro, descalça e vestida de mulher do povo, a professora desta Vila, Maria Angélica Domingues disparando-lhe à queima-roupa um tiro de revólver. O dr. Pedro, sentindo-se atacado e sem saber por quem, disparou, por sua vez, a pistola, matando a desvairada rapariga que, ao que se diz, há tempo se encontrava enamorada daquêle advogado. O ferido recolheu ao hospital de Coimbra em estado de certa gravidade, ignorando ainda quem o agrediu. O caso tem sido muito comentado, produzindo a mais desagradável impressão em tôda a gente o gesto da alucinada professora que, segundo se afirma, há certo tempo a esta parte vinha manifestando desarranjo mental».

FIM

Slhi

A aparecer brevemente

A Novela Vermelha

N.º 5—

Impossível redenção

POR

AUGUSTO MACHADO

Preço, $25 ctvs.

Pedidos à Secção Editorial
d'A BATALHA

Slhi

A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

N.º 5- Impossivel redenção

POR

AUGUSTO MACHADO

PUBLICADO:

N.º 1 A Expiação *por Manuel Ribeiro.*
N.º 2 Sangue Fidalgo *por Nogueira de Brito.*
N.º 3 Hugo, o pintor *por Mário Domingues.*
N.º 4 Dois Tiros *por Sobral de Campos.*

Colaboradores: Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Artur Portela, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.

PREÇO: $25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2$50

SIhj